

# **Emancipação afro- descendente: uma análise do exercício da cidadania nas comunidades quilombolas do Vale do Mucuri à luz dos conceitos filosóficos modernos**

Cláudio Eduardo Rodrigues\*

## **Introdução**

O presente trabalho pretende abordar um dos possíveis processos de construção da subjetividade negra e quilombola,<sup>1</sup> bem como dos mecanismos de promoção da emancipação e o exercício da cidadania na comunidade quilombola de São Julião de Teófilo Otoni - Vale do Mucuri/MG. Para tanto, proceder-se-á uma análise crítica das ideias de história e de emancipação elaboradas pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804).

Neste sentido, esse trabalho se divide em duas partes. Na primeira, recupera-se a ideia de emancipação proposta pelo filósofo alemão, analisando-a sob a perspectiva da filosofia da história, ou seja, como resultado de um lento processo de desenvolvimento universal da racionalidade humana. No segundo momento, a partir de uma crítica destas concepções, será abordada a emancipação quilombola – de modo especial aquela desenvolvida pela comunidade quilombola de São Julião – verificando-se desafios e conquistas envolvidos nessa luta.

## **A concepção kantiana de história e de emancipação**

A análise metafísica da história realizada por Kant fundamenta-se no espanto ou admiração com os progressos alcançados pelas Ciências Naturais e pela Matemática enquanto conjunto de conhecimentos seguros.<sup>2</sup>

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – e Professor Adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – Campus do Mucuri – Teófilo Otoni/MG. Desenvolve trabalhos de pesquisa e extensão junto às comunidades quilombolas da região. E-mail: rodridu@bol.com.br

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Anderson José Machado. História da África, diáspora e identidades culturais no Brasil escravista. *Revista do Departamento de História do Colégio Pedro II*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 31-41, mar. 2006.

<sup>2</sup> KANT, Immanuel. *Idéia de história universal do ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 11.

A partir dessa admiração, Kant investiga os modos pelas quais tais ciências promoveram a revolução no modo de pensar, concluindo que a razão humana só conhece aquilo que ela mesma produz enquanto pensamento, determinando as leis que regulam natureza.<sup>3</sup> Nesta perspectiva, ele questiona se a Metafísica pode consolidar-se como ciência segura pela adoção dos métodos utilizados pelas Ciências Naturais e pela Matemática.

Na trilha dessa perspectiva científicista, Kant compreende que a história – enquanto exposição da diversidade do comportamento e da liberdade da vontade humana – também necessita promover uma revolução metodológica em suas investigações.<sup>4</sup> Para tanto, ela também deve postular, *a priori*, a existência de um curso regular no comportamento e nas ações dos indivíduos, ou seja, apontar a existência de uma lei universal que regule a conduta dos indivíduos em direção à emancipação da espécie humana.

Portanto, não importa à crítica kantiana a compreensão da diversidade e das diferenças entre os comportamentos dos indivíduos e grupos humanos, pois compete à razão esclarecida encontrar, com base nos fenômenos particulares, o fio condutor ou o princípio universal da ação humana.

O primeiro pressuposto dessa concepção metafísica de história é de que os seres humanos são dotados de certas disposições naturais que carecem de exercício ou prática para que se tornem plenamente desenvolvidas.<sup>5</sup> Neste sentido, delimita-se que natureza estabeleceu uma finalidade universal para a ação dos seres humanos, a saber: o perfeito desenvolvimento das potencialidades naturais.

Ao mesmo tempo em que Kant salienta essa providência da natureza na distribuição ordenada de faculdades, ele pondera que as pessoas devem, necessariamente, fazer o bom uso e aperfeiçoamento de suas disposições naturais como meio de manter o curso progressivo da história rumo ao esclarecimento.

Por isso, ao definir o que é esclarecimento como a condição de emancipação ou libertação da tutela alheia, ele critica a conduta das pessoas no que se refere ao cumprimento da tarefa de desenvolvimento da razão a partir de métodos adequados.

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a capacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso

<sup>3</sup> KANT, 1986, p. 13.

<sup>4</sup> KANT, 1986, p. 10.

<sup>5</sup> KANT, 1986, p. 11.

de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung].<sup>6</sup>

Embora os argumentos de Kant sejam insuficientes – como se verá adiante – para analisar a questão das causas da menoridade ou da dependência e da determinação de uma pessoa por outra, o trecho explicita que a responsabilidade por ela decorre da preguiça, da covardia e a acomodação das pessoas, assim como é vista como algo natural em suas vidas.

Por outro lado, a visão idealista e a confiança de Kant no progresso em geral levam-no a ressaltar que nenhuma época ou grupo pode renunciar o esclarecimento ou impedir o curso da emancipação humana na medida em que essas práticas causam danos para o conjunto da própria humanidade, contrariando o fio condutor da história.<sup>7</sup>

Contrário à ideia de vontade condicionada, Kant pondera que, a partir do fio condutor da história, a emancipação configura-se como algo necessário no processo de libertação humana em relação ao instinto e ao ordenamento mecânico. Conseqüentemente, qualquer tipo de dependência ou subordinação deve ser superada pelo aperfeiçoamento das disposições naturais, em especial da racionalidade, tornando as pessoas dignas da vida e do bem estar.<sup>8</sup>

Neste sentido, a premissa de que existem disposições naturais nos seres humanos, bem como a concepção de que se elas se desenvolvem pelo exercício ao longo do tempo, permite a Kant compreender que a revolução no modo de pensar promovido pelas Ciências Naturais, pela Matemática e pela própria Filosofia consolida uma época de esclarecimento e de progresso. Por isso, o esclarecimento deve ser tomando como novo modelo de cultura capaz de determinar universalmente o modo de pensar e agir de toda a humanidade, acelerando o ritmo do progresso humano.

Para Kant, o primeiro marco do processo de esclarecimento, emancipação, ou simplesmente humanização das pessoas, teve início quando os indivíduos resolveram estabelecer a vida em sociedade, superando o antagonismo da insociável sociabilidade. Nas palavras de Kant no opúsculo **Idéia de História**:

Esta oposição é a que, despertando todas as forças do homem, o leva a superar a sua tendência à preguiça e, movido pela busca de projeção, pela ânsia de dominação ou pela cobiça a proporcionar-se uma posição entre os companheiros que ele não atura mas dos quais não pode prescindir. Dão-se então os primeiros verdadeiros passos que levarão da rudeza à

<sup>6</sup> KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”? In: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100.

<sup>7</sup> KANT, 1985, p. 108-110.

<sup>8</sup> KANT, 1986, p. 12.

cultura, que consiste propriamente no valor social do homem; aí desenvolvem-se aos poucos todos os talentos, forma-se o gosto e tem início, através de um progressivo iluminar-se [*Aufklärung*], a fundação de um modo de pensar que pode transformar, com o tempo, as toscas disposições naturais para o discernimento moral em princípios práticos determinados e assim finalmente transformar um acordo extorquido *patologicamente* para uma sociedade em um todo moral.<sup>9</sup>

### A crítica da concepção kantiana de história e emancipação

A citação chama a atenção por apresentar dois momentos históricos antagônicos. O primeiro é marcado pela condição de brutalidade e insociabilidade humana, em resumo, semelhante àquele estado de selvageria retratado por outros filósofos modernos – a exemplo de Hobbes – e na maioria das vezes identificados com os povos da África e indígenas da América. O segundo, como resultado do desenvolvimento da razão no tempo, é identificado de modo prepotente e etnocêntrico pelos filósofos como um autorretrato da sociedade de sua época.

O segundo elemento que chama a atenção na citação remete à superação do antagonismo humano por meio de um processo lento e progressivo de emancipação humana, segundo a qual os selvagens povos africanos e indígenas também podem alcançar a emancipação. Para tanto, aponta-se que o todo da humanidade – inclusive os povos indígenas e africanos – só poderá afirmar-se esclarecido e emancipado seguindo um único caminho, a saber: aquele traçado pela cultura racionalista e esclarecida dos cientistas e filósofos modernos.

Embora seja interessante a ideia de que todos os seres humanos tenham, em comum, a racionalidade como disposição natural, e se saliente a necessidade de desenvolvê-la, por outro lado, essa visão não deixa de ser limitada, pois, ao seguir a metodologia das Ciências Naturais, desconsidera os fenômenos irregulares e inconstantes, isto é, todo conjunto de variáveis e diferenças.

Da mesma maneira, essa concepção de Kant é preconceituosa. Primeiro, por apontar que o único caminho possível, seguro e certo para o desenvolvimento da razão humana é aquele desenvolvido pelas Ciências Naturais, em resumo, aquele modo de pensar delimitado pelo mundo europeu, branco, cristão e racista que determina o objeto do conhecimento pelo raciocínio *a priori*. Em segundo lugar, porque também forja a ideia de progresso a partir de etapas históricas e níveis hierárquicos de desenvolvimento da racionalidade entre pessoas, grupos e povos, tomando como ponto de partida os seus próprios modos de pensar e agir.

Além desses aspectos, também é preciso objetar a tese segundo a qual a responsabilidade pela menoridade é exclusiva dos indivíduos, visto que, ao

---

<sup>9</sup> KANT, 1986, p. 13-14.

defender a liberdade de indiferença, desconsideraram-se os fatores ideológicos que permeiam as relações de subordinação das pessoas, bem como os aspectos relativos ao uso da força e da violência.

A partir dessas críticas, é preciso investigar outros caminhos de emancipação humana que não aquele apontado pela perspectiva cultural universalista de Kant, de modo especial aqueles traçados pelas comunidades quilombolas que lhes permitem o exercício da cidadania.

### **A experiência da comunidade São Julião no processo de emancipação**

Embora existam diversas limitações nos fundamentos e no conceito kantiano de esclarecimento, ele pode ser reapropriado e ressignificado, permitindo-se analisar como os membros da comunidade São Julião procuram emancipar-se e exercer sua cidadania como afro-descendentes e quilombolas.

Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que, embora seja possível falar em identidade quilombola de forma genérica, é preciso salientar que não há nenhum fio condutor da história determinando os rumos da construção do ser quilombola. Deste modo, não é possível encontrar uma perspectiva linear e progressiva de emancipação em virtude das experiências pessoais e comunitárias que envolvem o processo de emancipação quilombola. O que, mesmo assim, deve ser respeitado e valorizado.

O que se pode admitir, em consonância com Kant, é que a identidade e emancipação afro-descendente e quilombola decorre de um lento processo, de uma caminhada. Contudo, é preciso compreender que essa caminhada não é produto de uma vontade pura e incondicionada, ou seja, de indiferença ao meio e condições que cercam a vida das comunidades.

A partir da experiência da comunidade São Julião, percebe-se que a emancipação é construída a partir de elementos inter-relacionados, a saber: a) a memória e consciência coletiva da história da própria comunidade; b) a interação e a comunhão com outros grupos; c) o reconhecimento individual.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Como Kant propõe um tipo específico de emancipação determinada pela razão esclarecida que orienta a ação em todas as direções, no caso da experiência quilombola, em geral, cabe questionar: Que tipo de emancipação as comunidades quilombolas e o movimento negro pretendem construir? Ela poderia resumir-se a instrumento para o acesso a políticas públicas ou deve extrapolar essa perspectiva, gerando uma consciência negra e quilombola integral e de fato? Embora não seja possível realizar essa discussão neste trabalho, creio que os elementos apontados a seguir demonstram que a Comunidade São Julião aposta na concretização da segunda perspectiva de emancipação.

### ***A memória e consciência coletiva da história da própria comunidade***

Para Lima, a chegada e a fixação do grupo em certo território é princípio que possibilita a construção da história e a identidade do mesmo.<sup>11</sup> Esse aspecto é percebido na comunidade São Julião, quando seus membros, de modo especial Mãe Augusta – a matriarca da família Pereira – relata como ela e seu esposo, Sr. João Preto Pereira, chegaram naquela região, fugindo da seca no Vale do Jequitinhonha e buscando melhores condições de vida. Neste sentido, é presente na memória dos membros da comunidade os relatos acerca das dificuldades, sofrimentos e vitórias que eles experimentaram antes da chegada e durante toda a permanência deles naquele território.

Para a comunidade, de modo especial para a família Pereira, os relatos de Mãe Augusta e a vivência naquele território de São Julião são indissociáveis, pois como bem afirma Lima, “as expressões identitárias mais fortes do grupo estão ligadas à vivência de uma paisagem comum: a que está inscrita em seu território”.<sup>12</sup>

A história dos antepassados com ascendência africana e o estabelecimento deles na região de São Julião são para os membros da comunidade um marco delimitador da sua identidade, visto que sempre se reconheceram diferentes em relação aos demais moradores da região, seja pela cor da pele seja pelas práticas culturais desenvolvidas por eles.

### ***A interação e a comunhão com outros grupos***

No que diz respeito à relação da comunidade São Julião com outros grupos, Rangelito e Zorra Pereira – filhos de Mãe Augusta Pereira – relatam que as discussões relativas à questão agrária realizadas nos movimentos sociais, tais como o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB – e o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA – os influenciaram. Assim como destacam o estímulo dado pelo padre Gerônimo para a organização e a luta desses grupos, da mesma maneira que chamava a atenção para a especificidade e importância da questão da negritude e quilombola.

Zorra e Rangelito Pereira destacam que a participação nos debates acerca da questão agrária – no que tange a seus aspectos gerais e específicos – levou os membros da comunidade São Julião a se solidarizarem e se engajarem na luta de outras comunidades quilombolas. De modo especial aquela relativa à Comunidade dos Marques – no Município de Carlos Chagas/MG – que se encontra ameaçada por um projeto de construção de usina hidrelétrica empreendido pela Queiroz Galvão.

---

<sup>11</sup> LIMA, Déborah. Firmados na terra: a produção do significado de território em dois quilombos de Minas Gerais. *32º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: ANPOCS, 2008. p. 8.

<sup>12</sup> LIMA, 2008, p. 8.

### ***O reconhecimento individual***

Da mesma forma que pensara Descartes, Kant compreende que a idade da razão ou emancipação surge por meio da reflexão avaliativa e crítica, em especial da formação e informação que recebera ao longo da vida. Neste sentido, a dúvida e o questionamento tornam-se caminhos pelos quais as pessoas possam discernir o falso do verdadeiro e encontrar algo que lhes seja produto de sua própria capacidade de pensar e sentir.

Por isso, a recorrência ao conceito tradicional de que quilombo é espaço e abrigo de negros fugitivos, bem como o retorno à história da comunidade e a ausência de uma clareza e distinção acerca do que é ser quilombola fomenta em alguns membros da comunidade São Julião dúvidas se eles são ou não quilombolas.

Enquanto exercício da reflexão, as dúvidas e os questionamentos feitos por essas pessoas acerca do que elas são e de como podem se reconhecer como negras e se tornar quilombolas<sup>13</sup> demarcam o princípio do processo de emancipação.

Neste sentido, Zorra e Rangelito reconhecem que a questão quilombola é delicada e requer tempo para que surja a consciência e a identidade quilombola, a partir de uma reflexão pessoal.

Questionado acerca da época em que se percebeu e se reconheceu como quilombola, Rangelito respondeu que isso ocorreu quando tinha 30 anos de idade, quando começou a pensar sobre a sua trajetória de vida e sobre as histórias que envolviam seus antepassados.

Embora já tivessem uma gama de informações acerca das histórias dos africanos, dos afro-descendentes no Brasil e de seus antepassados mais próximos, Zorra e Rangelito Pereira relatam que foi a experiência de solidariedade à luta da Comunidade dos Marques que marcou definitivamente a construção de suas identidades quilombolas. Por meio delas, eles puderam pensar a sua própria história e assim também se reconhecerem como quilombolas.

A partir do momento em que os membros da Comunidade São Julião também se reconhecem como quilombolas, a participação na luta dos Marques contra a construção da usina hidrelétrica adquire novos contornos. Já não se trata mais de um gesto de solidariedade para com outro grupo rural ameaçado por barragens. A luta adquire conotações político-raciais mais detalhadas, extrapolando a dimensão da preservação da propriedade da terra. Trata-se de defender territórios que envolvem, dentre outros aspectos, a história, a cultura e a religiosidade do

---

<sup>13</sup> Neste aspecto, pode-se perceber o dilema acerca do caráter da emancipação quilombola apontado anteriormente, haja vista que uma comunidade ou pessoas podem se reconhecer quilombolas apenas para se ter acesso a políticas públicas, no entanto, não possuir a plena consciência de sua negritude no que se refere aos aspectos culturais e religiosos, dentre outros.

grupo e que precisam ser preservados tanto quanto o espaço físico daquela comunidade.

Embora se tenha apontado que a construção do ser quilombola e sua emancipação na comunidade São Julião decorra dessas três experiências, isso não significa que ela seja produto das determinações de um fio condutor na história humana e muito menos que esse processo ocorra segundo um método específico e predeterminado, como propõe o racionalismo cartesiano.

Cada pessoa e cada comunidade devem experimentar e percorrer o seu próprio caminho emancipatório, enfrentando e superando os desafios que esse processo gera. Neste sentido, assim como Kant,<sup>14</sup> Rangelito aponta que o processo emancipatório quilombolas enfrenta dificuldades e desafios. Para Rangelito, isso decorre pelo fato de que a pessoa negra sente-se ameaçada e amedrontada pela sua experiência de subordinação forçada. Conseqüentemente, essa condição mantida por anos a fio tende a ser considerada como natural por muitos membros dessas comunidades. Neste sentido, Rangelito afirma:

Muitas vezes as pessoas têm medo de lutar, esse medo faz parte de nossa identidade, porque naquela época né, o negro não podia ter muita regalia né, ter muita, assim é... força pras coisas, ele sempre era mais discriminado, mas só que nós não levamos por esse lado aí, porque nós, a gente hoje, nós temos consciência do nosso direito né.<sup>15</sup>

Aqueles que possuem alguma consciência do seu ser quilombola sentem-se desafiados a atuar politicamente junto aos outros membros da comunidade, mantendo-os informados e sensibilizando-os para a questão quilombola, bem como para a necessidade de se romper com o medo e com a subordinação que muitos ainda enfrentam. De modo especial, aquelas pessoas que perderam suas terras ou as venderam a “preço de banana” e que, atualmente, trabalham nas casas ou roças de fazendeiros da região ou que possuem sentimentos de obrigação ou gratidão por pessoas que sempre as exploraram.

Se, por um lado, a emancipação quilombola é desafiadora, por outro, ela é gratificante para as pessoas que se reconhecem como quilombolas em São Julião, pois ser quilombola é algo que lhes confere alegria e satisfação, por considerarem viver de acordo com aquilo que seus pais e suas mães ensinaram como valor.

Ser e se reconhecer como quilombola é apontado como instrumento de manutenção daquilo que é próprio da comunidade, dando visibilidade ao seu ser negro, afirmando-se diferente e fazendo diferença no meio em que vivem.

---

<sup>14</sup> KANT, 1985, p. 102-104.

<sup>15</sup> PEREIRA, Rangelito. Comunidade São Julião. Teófilo Otoni. Entrevista concedida a Cláudio Eduardo Rodrigues.



A partir do momento em que se reconhecem como diferentes, os membros da comunidade São Julião se percebem dignos de respeito e de direitos, passando a atuar como sujeitos conscientes do processo histórico por meio do reforço das tradições da comunidade, pela organização da associação, pela implantação e estruturação de uma escola local destinada as crianças da comunidade. Enfim, pelo exercício da cidadania que confere ao grupo melhores condições de vida no território que seus pais e mães conquistaram.

## **Emancipação afro-descendente: uma análise do exercício da cidadania nas comunidades quilombolas do Vale do Mucuri à luz dos conceitos filosóficos modernos**

### **Resumo**

O presente trabalho pretende abordar um dos possíveis processos de construção da subjetividade negra e quilombola, bem como dos mecanismos de promoção da emancipação e o exercício da cidadania na comunidade quilombola de São Julião de Teófilo Otoni – Vale do Mucuri/MG. Para tanto, proceder-se-á uma análise crítica das ideias de história e de emancipação elaboradas pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804).

### **Palavras-chave:**

Quilombos. Remanescentes de quilombos. Vale do Mucuri.

## **Afro-descending emancipation: an analysis of the citizenship exercise in quilombolas communities of Vale do Mucuri according to the modern philosophical concepts**

### **Abstract**

The present work intends to approach one of the possible processes of the construction of the black and quilombola subjectivities, as well as of the promotion mechanisms of the citizenship emancipation and exercise in the São Julião of Teófilo Otoni quilombola community – Vale do Mucuri/MG. Therefore there is a critical analysis of the history and emancipation ideas elaborated by the German philosopher Immanuel Kant (1724-1804).

### **Keywords:**

Quilombos. Reminders of quilombos. Vale do Mucuri.

[Recebido em: setembro 2009 e  
aceito em: julho 2010]